

“Acontecerá”

***“Nos últimos dias
acontecerá que o
monte da casa do
Senhor [Jeová] será
estabelecido como o
mais alto dos montes,
e será exaltado
acima das colinas, e
a ele os povos
afluirão.”***
— ***Miqueias 4:1***

Nessa profecia inspirada da Palavra de Deus, recebemos uma prévia dos eventos vindouros que nos garantem que os povos da Terra deixarão de ser atormentados por medo, guerras, conflitos, divisões e perplexidade. No versículo quatro dessa profecia, somos informados de que “ninguém o ameaçará”. No mesmo

versículo está a garantia de que este dia melhor e cheio de luz realmente acontecerá, pois, como declara o profeta, “a boca do Senhor [Jeová] dos exércitos o disse”.

Tem-se tornado cada vez mais claro que a sabedoria humana é incapaz de encontrar uma solução para os muitos problemas complexos e angustiantes que as nações enfrentam. Todo esforço feito pelo mundo para se livrar da areia movediça do desespero deixa as pessoas e as nações afundando ainda mais na lama da confusão e da desesperança. A maioria no mundo quer paz e segurança, e as procuram fervorosamente, mas até agora todos os esforços para alcançar esses objetivos de felicidade humana ficaram muito aquém do resultado desejado pelo homem.

Por causa do fracasso contínuo das nações em encontrar

fórmulas viáveis para resolver seus muitos problemas, as pessoas estão ficando cada vez mais apreensivas com os eventos cataclísmicos e aterrorizantes que podem ocorrer. Considere, por exemplo, o medo da guerra e seu potencial de morte e devastação. Apesar desse medo, grande parte da sabedoria humana insiste na tese de que a única maneira de evitar o potencial holocausto da guerra moderna é continuar a produzir mais e melhores armamentos. Isso, é claro, apenas aumenta os prováveis horrores de qualquer guerra que possa eclodir.

Esses preparativos oferecem uma vaga esperança de segurança, mas a lição da história é que raramente as guerras são evitadas por nos prepararmos melhor para elas. No entanto, os líderes mundiais não têm outro conhecimento para guiá-los além da sabedoria humana imperfeita, então, enquanto esperam o melhor, eles se preparam para o pior. Porém, as palavras do profeta nos asseguram que nem sempre será assim, que chegará o tempo em que, reconhecendo suas próprias falhas, as nações dirão: “Vinde, e subamos ao monte do Senhor [Jeová], e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos.” — Miq. 4:2

Nosso texto de abertura nos informa que esse será um dos desdobramentos dos “últimos dias”. Muitos entenderam mal o significado da expressão profética “últimos dias”, supondo que seja sinônimo de “fim do mundo”. Tem sido mal interpretada para denotar os últimos dias do tempo e o início de uma temida eternidade de tormento para a maioria da raça humana. Junto com isso, tem-se o pensamento que os “últimos dias” significam a destruição da Terra e o fim de toda a experiência humana e da vida no planeta.

Esse ponto de vista, entretanto, está incorreto. Os “últimos dias” são de fato sinônimos do profético “fim do

mundo”, mas o “fim do mundo” não significa, como muitos supõem, a destruição da Terra, nem o fim da humanidade. As Escrituras nos asseguram que “a terra permanece para sempre”. (Ecl. 1:4, ARA) Em Isaías 45:18, somos informados de que Deus estabeleceu a Terra, que “não a criou para permanecer vazia, mas para estar habitada”.

Isso está totalmente de acordo com o relato da criação em Gênesis, onde lemos que, quando Deus criou o homem, ele lhe ordenou que se multiplicasse, enchesse a Terra e a subjugasse. (Gên. 1:28) É verdade que o homem pecou e perdeu o direito de viver na Terra para sempre, mas as Escrituras revelam que, por meio do plano de redenção de Deus realizado por Cristo, a sentença de morte contra a raça humana será cancelada, para que todos os que desejarem possam ser restaurados à vida e à saúde e desfrutar das bênçãos de um paraíso terrestre para sempre.

O apóstolo Pedro descreve esta obra de restauração como “restituição” e nos informa que, no arranjo divino, a obra de restauração segue-se à segunda vinda de Cristo. (Atos 3:20, 21) Este é o objetivo derradeiro do retorno de Cristo, e é óbvio que esta grande característica do plano de Deus para a restauração humana à vida na Terra não poderia ser cumprida se, em seu retorno, a Terra estivesse destruída.

É verdade, porém, que o profético “fim do mundo” está associado à segunda vinda de Jesus, mas as profecias a respeito disso referem-se ao fim de uma ordem social, não à destruição literal da Terra. A palavra grega mais usada nessas profecias é kosmos, que significa uma ordem ou arranjo, não o próprio planeta. É essa palavra que o apóstolo João usou quando escreveu aos cristãos, dizendo “Não ameis o mundo [kosmos] nem o que nele [no kosmos] existe.” — 1 João 2:15

Jesus usou essa palavra quando disse aos seus discípulos: “Eu vos escolhi do mundo [kosmos].” (João 15:19) É essa “ordem mundial” que os cristãos não devem amar, da qual devem se manter separados, e que terminará. É uma ordem mundial egoísta e pecaminosa. É caracterizada pela ganância, corrupção e opressão, pelo crime, guerra, dor, morte e por todas as coisas más que os homens e mulheres de pensamento correto desprezam e odeiam. O fim de tal mundo ou arranjo, em vez de significar a “destruição apocalíptica” da raça humana, provará ser uma grande bênção eterna para toda a humanidade.

O IMPÉRIO DE SATANÁS SERÁ DESTRUÍDO

Quando entendidos de modo correto, os “últimos dias” de nosso texto são vistos como um período na experiência humana durante o qual o presente “mundo” chega ao fim, e uma nova ordem sob o governo de Cristo é estabelecida em seu lugar. Jesus se referiu a Satanás como o “príncipe deste mundo” que findará, e Paulo se refere ao diabo como sendo o “deus” desse mundo. (João 14:30; 2 Cor. 4:4) A destruição desse mundo, portanto, significa o fim do governo de Satanás e de seu império de maldade.

O tempo em que este “presente mundo mau” chega ao fim também é profeticamente descrito como o “dia do Senhor”. (Gál. 1:4; 1 Tes. 5:2) É o tempo em que Deus não mais se abstém de interferir nos assuntos humanos, mas exerce seu poder, por meio de Cristo Jesus, seu Filho, sobre esta ordem mundial controlada por Satanás, para conduzi-la ao seu fim. O apóstolo Paulo se refere a este “dia do Senhor”, dizendo que viria “como ladrão à noite” e que o povo de Deus seria capaz de identificá-lo pelo fato de que haveria um grito de “paz e segurança”, seguida de “repentina destruição” que viria “como as dores de parto tomam uma mulher grávida”. — 1 Tes. 5:2, 3

Em Isaías 42:13, 14, a relação de Jeová com os eventos neste dia de destruição é descrita por estas palavras: “O Eterno sairá como valente, homem poderoso, como guerreiro despertará o seu zelo; com forte brado exclamará: Guerra! E demonstrará toda a sua força contra os seus inimigos. “Ora, por muito tempo me calei; estive em silêncio e me contive; mas é chegada a hora em que gritarei como a parturiente, e ao mesmo tempo gemerei, e minha respiração será ofegante.”

Nessa profecia, assim como na previsão de Paulo dos eventos no “dia do Senhor”, a destruição predita é descrita como “dores de parto”, indicando que enquanto a primeira crise de dor viesse sobre as nações repentina e inesperadamente, o mundo ou a ordem social não seriam completamente destruídos por um golpe curto e certo. Em vez disso, o padrão de destruição seria uma série de espasmos, aumentando de intensidade, como no parto, com períodos cada vez mais curtos de alívio entre eles.

Há muitas razões para acreditar que o primeiro desses espasmos de destruição tenha começado na época da Primeira Guerra Mundial. Além de sua esteira de morte e destruição, foi uma guerra que resultou na queda de muitas das casas governantes hereditárias da Europa — governos que constituíram o esteio da chamada civilização durante séculos. Pouco mais de vinte anos depois, a Segunda Guerra Mundial durou seis anos, resultando em mais uma rodada de destruição global e deixando a civilização ainda mais perto da beira do caos. Desde então, muitas outras guerras, grandes e pequenas, têm assolado a Terra quase continuamente, sem nenhum país imune a uma possível devastação e calamidade.

Enquanto isso, como Paulo predisse, tem havido quase constantemente um clamor por “paz e segurança”. Muitas organizações defensoras da paz surgiram nos anos anteri-

ores ao início da Primeira Guerra Mundial. Em 1938, poucos meses antes do início da Segunda Guerra Mundial, Neville Chamberlain, então primeiro-ministro da Grã-Bretanha, retornava da conferência de paz de Munique, Alemanha, e acenou com um tratado diante da multidão que o acolheu e disse: “É paz para o nosso tempo.”

No entanto, desde então não tem havido paz, e nem as nações em ambos os lados das grandes batalhas pelo controle ideológico têm conseguido a “paz para o nosso tempo”. O padrão profético deste tempo de grande tribulação continuará, até que, na convulsão final da presente ordem mundial, o Senhor se revele às nações, que terão seus olhos abertos para contemplar sua glória.

“SUBAMOS”

Quando os olhos das nações forem abertos para reconhecer a mão de Deus em seus assuntos, impedindo-as de realizar seus desígnios egoístas, elas começarão a olhar para ele com humildade e dependência. Será então, como declara o profeta, que dirão: “Vinde, subamos ao monte de Yahweh e à Casa do Elohim, Deus, de Jacó, a fim de que nos ensine os seus caminhos, e para que andemos sob suas orientações.” — Miq. 4: 2, KJA

O “monte” de Yahweh, ou Jeová, é um símbolo de seu reino de justiça. As profecias foram originalmente dirigidas à nação judaica, e esse povo estava acostumado a pensar no controle de Deus em seu meio como estando localizado em uma montanha — o monte Sião, em Jerusalém. (Isa. 8:18; 18:7) Do monte Sião, Deus governou sobre a antiga nação de Israel por meio de seus vários reis, sobre os quais está escrito que se sentaram no “trono de Yahweh”. — 1 Crô. 29:23, KJA

Nosso texto fala do “monte”, ou reino, da “casa” de Jeová. Esta é uma linguagem que deve ser facilmente

compreendida por aqueles que estão familiarizados com a história. Desde muito cedo na antiguidade, as nações e impérios do velho mundo eram administrados por “casas” governamentais. Essas eram “famílias reais”, nas quais o direito de governar era transmitido de uma geração a outra.

Deus usa o termo “casa” em conexão com o reino que ele prometeu estabelecer porque esse reino também será governado por uma família real ou governante. Será sua própria família, ou filhos, dos quais Jesus é o chefe, o “Rei dos reis e Senhor dos senhores”. (Apo. 17:14; 19:16) Jesus estará associado a aqueles que seguiram fielmente seus passos nos dias de hoje.

A oportunidade de se tornar coerdeiros e governantes com Jesus em seu reino foi oferecida pela primeira vez à nação judaica. Isso foi na época de seu ministério terreno. A respeito disso, lemos que Jesus “veio para os seus, e os seus não o receberam. Mas a tantos quantos o receberam, a eles deu poder [o direito ou privilégio] de se tornarem filhos de Deus”. (João 1:11, 12) No entanto, poucos dentre a nação judaica o aceitaram e responderam ao seu chamado para a filiação, então o Senhor voltou-se para os gentios para buscar o restante daqueles que formariam esta casa governante de filhos. — Atos 15:14

Esses crentes em Jesus, tanto judeus quanto gentios, qualificam-se para serem membros da casa governante de filhos de Deus com base em sua fidelidade em sacrificar e sofrer com Jesus. Paulo, enfrentando a morte em uma prisão romana, disse em uma carta a Timóteo: “Esta palavra é absolutamente digna de crédito: Se já morremos com Ele, da mesma forma com Ele viveremos.” — 2 Tim. 2:11, 12

Em Romanos 8:16, 17, lemos: “O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus.

Se somos filhos, então, também somos herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo, se realmente participamos dos seus sofrimentos para que, da mesma maneira, participemos da sua glória.” A obra desta época tem sido a convocação, pela mensagem do Evangelho, daqueles que estão dispostos a sair do mundo e levar uma vida de sacrifício e serviço, mesmo até a morte, de acordo com o padrão estabelecido por Jesus. Esse é o povo “consagrado ao seu nome”, referido em Atos 15:14.

Quando essa obra for concluída, então virá o estabelecimento do “monte da casa de Jeová”. O grande poder de Deus nos garante isso. Ele começou a operar nesse sentido há quase vinte séculos, ao ressuscitar Jesus dos mortos. O arranjo divino era que Jesus morresse pela raça amaldiçoada pelo pecado, pois o desígnio de Deus era que o governo do reino fosse sobre uma raça humana viva, em vez de uma raça humana moribunda. Assim, Jesus morreu por seus súditos para que tivessem a oportunidade de viver. (Rom. 5:18, 19; 1 Cor. 15:21, 22; 1 Tim. 2:3-6) Quando os inimigos de Jesus o mataram, uma das acusações contra ele foi que ele alegou ser um rei. (João 18:33-37; 19:12) Satanás pode ter pensado que havia frustrado o plano de Deus de estabelecer um reino nas mãos de Jesus. Mas Satanás falhou, porque o rei foi ressuscitado dos mortos pelo poder de Deus.

Isso foi no início da era atual. No fim desta era, o poder divino realiza outro milagre com o estabelecimento do reino há muito prometido. Aqueles que ao longo desse tempo têm sofrido e morrido com Jesus, também são ressuscitados dos mortos. As Escrituras referem-se a isso como a “primeira ressurreição”, e o propósito é que vivam e reinem “com Cristo por mil anos”. — Apo. 20:4, 6

Jesus, junto com sua igreja, como a “casa” governante de Deus, serão os governantes invisíveis da nova ordem

mundial. Ao longo das eras passadas, como Jesus explicou, Satanás tem sido o governante da velha ordem pecaminosa que, de fato, concebeu e executou. Ele tem exercido seu poder por meio de diversos tipos de agentes humanos, mas o próprio Satanás tem permanecido invisível para as pessoas. Assim será com o reino de Cristo. Jesus e seus reis associados não serão vistos pelo mundo. No entanto, exercerão seu justo poder e autoridade por meio de representantes humanos, como Abraão, Isaque, Jacó e os profetas. — Lucas 13:28

Esses agentes humanos também têm sido educados, treinados e disciplinados com antecedência. São os servos fiéis de Deus que viveram e provaram sua fidelidade a ele antes do ministério terreno de Jesus. O justo Abel foi o primeiro deles, e João Batista foi o último. Jesus disse que, dentre os “nascidos de mulher, não surgiu ninguém maior do que João Batista: embora aquele que é o menor no reino dos céus seja maior do que ele”. — Mat. 11:11

Isso não significa que João Batista não será salvo. Jesus simplesmente quis dizer que ele não estará na fase espiritual do reino, referida no versículo anterior como o “reino dos céus”. João Batista, que morreu antes da morte de Jesus como o Redentor do homem, foi o último daqueles mencionados no Salmo 45:16 que serão “príncipes sobre toda a terra” (ARC). Eles não serão reis, mas representarão o rei, Cristo Jesus e sua igreja, como “príncipes”.

Perto do fim do atual período de “grande tribulação”, quando a intervenção divina se manifestar no mundo, esses príncipes — “Abraão, Isaque e Jacó, e todos os profetas” — serão ressuscitados dos mortos para viver aqui na Terra. Eles se tornarão os líderes e estadistas reconhecidos na nova ordem mundial, sob a direção do governo espiritual de Cristo. Isso é dito em Lucas 13:29, onde somos informados de que de todas as partes da Terra —

do leste, do oeste, do norte e do sul — as pessoas reconhecerão os Antigos Dignos ressuscitados como seus instrutores e guias no “reino de Deus”.

Esses representantes humanos do reino são aqueles que provaram sua fidelidade ao Senhor nas eras passadas e serão compostos principalmente da semente natural de Abraão. No entanto, a esfera de influência deles se espalhará rapidamente até abranger toda a Terra. Todas as pessoas, independentemente da nacionalidade ou origem, terão a mesma oportunidade de se tornar parte da nova ordem mundial e de receber suas bênçãos. De fato, como Isaías 2:2 diz: “Todas as nações fluirão” para o monte do Senhor.

Quando isso acontecer, todas as pessoas e nações aprenderão os caminhos da paz em vez da guerra. Um programa de desarmamento genuíno será posto em prática, pois a promessa é que eles, simbolicamente falando, “converterão suas espadas em arados, e das suas lanças farão foices”. (Miq. 4:3) Como isso é sábio! Durante séculos, as nações têm tentado estabelecer a paz preparando-se para a guerra, mas têm falhado. As leis do reino da justiça de Deus reverterão essa abordagem, pois os instrumentos de guerra serão destruídos e o povo será educado nos caminhos da paz.

A economia das nações, então, não será mais voltada para a necessidade de preparação contínua para guerras e conflitos. A paz, universal e duradoura, se tornará patrimônio de todas as pessoas e, ao mesmo tempo, será economicamente segura. Um pensamento reconfortante nos é dado na promessa simbólica de que “todo ser humano” habitará “debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira; e ninguém o incomodará ou ameaçará.” — vs. 4

Hoje, a sabedoria humana míope e o egoísmo têm levado o mundo a um estado de caos e medo. As pessoas

temem a guerra, com suas horríveis consequências, mas também temem as incertezas econômicas que continuamente assombram o mundo. Desemprego, depressão e dificuldades econômicas são uma preocupação constante para muitos. No entanto, agradecemos a Deus, pois, no “monte de Jeová”, essas coisas não assolarão mais a humanidade. Os povos transformarão suas espadas em relhas de arado e habitarão em segurança econômica, cada um debaixo de sua própria “videira” e “figueira”.

Além de paz e segurança econômica, bênçãos de saúde e vida serão derramadas no monte de Jeová. Temos a promessa de que o reino Deus “extinguirá a morte de uma vez por todas” e “enxugará as lágrimas” de todo rosto. (Isa. 25:6-9) O apóstolo Paulo tinha isso em mente quando escreveu que Cristo deve reinar até que tenha posto todos os inimigos sob seus pés, e que o “último inimigo que será destruído é a morte”. — 1 Cor. 15:25, 26

Essa promessa de vida não se limita àqueles que passarão pelos tempos atuais de angústia e tribulação e estarão vivos quando o reino divino assumir o controle dos assuntos terrestres. As Escrituras nos asseguram que todos os mortos serão ressuscitados, para que também tenham a oportunidade de desfrutar das bênçãos do reino. Em um dos belos capítulos da Bíblia sobre o reino, o apóstolo João nos diz que a “morte” e o “inferno” entregarão os mortos que neles estão. — Apo. 20:13

Em Apocalipse 1:18, Jesus nos diz que ele tem as “chaves” do inferno. Nesse versículo, a palavra “inferno” é uma tradução da palavra grega hades, que significa “não visto”. O inferno — ou hades — é a condição da morte, não um lugar físico. A Bíblia o descreve desta forma: “Não há trabalho, nem cálculo, nem conhecimento, nem sabedoria, no hades, para onde tu vais.” (Ecl. 9:10, Rotherham Emphasized Bible – tradução nossa) O teste-

munho das Escrituras nos assegura que Jesus usará as “chaves do inferno” para destrancar a condição de morte e libertar seus prisioneiros. Esses que serão despertados do sono da morte terão a mesma oportunidade de obedecer às leis do reino que aqueles que entrarão no reino através da atual tribulação. Os que aceitarem a provisão de vida feita por meio de Cristo e obedecerem às leis do reino administradas pelos “príncipes em toda a terra”, viverão para sempre. — Apo. 21:3-7

As Escrituras mostram que a gloriosa obra do reino não será realizada em poucos dias, ou mesmo em poucos anos, mas levará mil anos para ser completada. Conforme observado anteriormente, esse período é descrito pelo apóstolo Pedro como “tempos de restituição de todas as coisas”, que, ele revela, ocorrerão depois do retorno de Cristo. Na profecia de Pedro, ele se refere a Jesus como “aquele profeta” prometido por Moisés, e diz que nos “tempos de restituição”, após terem sido totalmente educados pelas leis de Deus, todos serão obrigados a obedecer aos preceitos divinos com um coração cheio de amor e devoção, preceitos esses que são resumidos no amor. — Atos 3:20-23; 2 Ped. 3:8

Assim, com a obra do reino totalmente realizada no “monte da casa de Jeová”, a raça humana será restaurada ao lar e domínio que foram perdidos por causa do pecado. Essa será a resposta completa à oração dos cristãos: “Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.” (Mat. 6:10) É isso que, de acordo com a segura Palavra de Deus, em breve “acontecerá!” ■